



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Ação planejada?**

**ROSIANE OLINDA PEREIRA**

**FORTALEZA - CE**

**2012**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

---

P4951 Pereira, Rosiane Olinda  
Ludicidade na educação infantil: Ação planejada?. – 2012.  
50 f. ; 30 cm.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, 2012.  
Orientação: Profa. Bernadete de Souza Porto

1-Educação Pré-escolar- 2. Educação de crianças 3- Crianças –desenvolvimento I. Título.

---

CDD 372.21

ROSIANE OLINDA PEREIRA

LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Ação planejada?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal do Ceará como um dos  
pré-requisitos para a obtenção do título de  
Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Bernadete de Souza Porto

FORTALEZA

2012

ROSIANE OLINDA PEREIRA

LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Ação planejada?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal do Ceará como um dos  
pré-requisitos para a obtenção do título de  
Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Bernadete de Souza Porto (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Luciane Goldberg  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Ms. Alexandre Santiago Costa  
Faculdade 7 de Setembro (FA7)

Dedico este trabalho a Deus, que nos deu o dom da vida. A minha família, pelo encorajamento e presença constantes e às pessoas que contribuíram para a minha formação.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que nos ensina a vencer a cada dia.

Aos meus pais, Fátima e Oziel, que orientaram os meus passos com seus próprios exemplos de perseverança, confiança e dedicação.

Aos meus irmãos, Rosemeire e Otoniel, pelo incentivo e apoio neste trabalho.

Aos meus amigos, que com sua amizade, faz-nos melhor a cada dia, nos gestos, nos abraços, nos sorrisos, nas palavras.

Aos colegas da turma de pedagogia pela amizade e por nos proporcionar crescimento pessoal.

Às professoras, aos funcionários e à gestão da instituição pesquisada pelo recebimento e atenção, na realização do estudo.

A todos os educadores do curso de Pedagogia da UFC, especialmente aos professores mestres Alexandre Santiago Costa e Luciane Goldberg pela disposição em analisar meu trabalho.

À professora Doutora Bernadete Souza Porto, pela dedicação, compreensão e atenção no processo de elaboração deste trabalho.

“A criança tem uma vida própria: a sua vida.  
Essa vida, ela tem o direito de vivê-la, e vivê-la feliz.”

(Claparède)

## RESUMO

Nesse estudo, buscou-se analisar como a ludicidade se configura no trabalho pedagógico na Educação Infantil, observando como as professoras concebem e lidam com as práticas lúdicas em sua atividade de cuidar e educar. Primeiramente, traz uma abordagem referente ao conceito de ludicidade, caracterizando as especificidades dos jogos, brinquedos e brincadeiras. Discute-se ainda, o significado da ludicidade no desenvolvimento infantil nos aspectos físico, psicológico, mental e social na promoção de uma Educação Infantil de qualidade. Traz ainda, uma reflexão sobre a importância de uma ação planejada na educação infantil organizada a partir da ludicidade. A pesquisa realizada é de cunho metodológico-qualitativo e configura-se como estudo de caso, no qual os questionados foram quatro professoras que atuam na Educação Infantil numa creche pública de Fortaleza. Para as participantes, a ludicidade foi descrita como fundamental para o desenvolvimento integral das crianças, sendo mencionados alguns aspectos que dificultam o seu trabalho, como espaço físico limitado, falta de materiais variados e adequados à idade. Por outro lado, observamos no planejamento e na prática, uma maior valorização das atividades “pedagógicas” voltadas ao ensino. De certa forma, a participação das professoras na ação lúdica destaca-se na resolução de conflitos, no direcionamento de algumas brincadeiras, na escolha de materiais, na organização dos espaços, ocorrendo de forma diversificada. Conclui-se que há faltas na significação dada pelas professoras às atividades lúdicas em seu planejamento, mostrando-nos a necessidade de uma melhor compressão de ludicidade como aspecto inerente à educação das crianças e formação das professoras, uma vez que, é um fator que possibilita crescimento pessoal, cognitivo, psicológico, social e cultural dos sujeitos que as vivencia.

**Palavras-chave:** Ludicidade-Planejamento-Educação Infantil.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>2 O CONCEITO DE LUDICIDADE.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 Jogo, brinquedo e brincadeira.....</b>	<b>11</b>
<b>3 LUDICIDADE E DESENVOLVIMENTO INFANTIL .....</b>	<b>16</b>
<b>4 LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....</b>	<b>25</b>
<b>5 A VISÃO DAS PROFESSORAS SOBRE A LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....</b>	<b>30</b>
<b>5.1 O perfil da creche.....</b>	<b>30</b>
<b>5.2 O delineamento da pesquisa.....</b>	<b>31</b>
<b>5.3 A análise dos dados a partir da visão das professoras.....</b>	<b>33</b>
<b>5.4 A observação em sala de aula.....</b>	<b>38</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>47</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>50</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como tema a ludicidade *como ação planejada na Educação Infantil* e pretende analisar como este tipo de atividade configura-se no trabalho pedagógico de uma creche pública da cidade de Fortaleza-Ceará.

É muito comum ouvirmos os educadores enfatizarem a importância da ludicidade na educação infantil. Contudo, por vezes, ao observarmos sua prática pedagógica, vemos que há um distanciamento entre o que se diz e como desenvolve sua ação em sala. A ludicidade, ao ser analisada em estudos de autores, como Huizinga (2008) e Brougère (2006), Piaget (1975), Vygostky (1989), Wallon (2005) é relevante para a Educação Infantil e é notório que a brincadeira, o jogo e o brinquedo são propulsores do desenvolvimento infantil, enfatizando a importância de ser atividade privilegiada no contexto educacional.

Do mesmo modo, o desenvolvimento infantil refere-se não somente ao físico, mas ao social, psicológico, emocional e cognitivo. Assim, a ludicidade, de alguma forma, envolve-se nesses aspectos tão importantes para o desenvolvimento da criança.

Neste sentido, entende-se que a creche, espaço em que muitas crianças passam a maior parte do seu dia deve comprometer-se com o oferecimento de uma vida saudável à criança e possibilitar seu pleno desenvolvimento em qualidade. Isso inclui a relação entre o cuidado e a educação das crianças.

Contudo, há singularidades no trabalho desenvolvido em diferentes espaços infantis educacionais, visto que fatores como; espaço físico, concepções dos professores, recursos materiais, tempo disponíveis para atividades lúdicas, valor cultural da ludicidade, entre outros, podem ser favoráveis ou desfavoráveis ao trabalho do lúdico na educação infantil.

Tendo em vista esse contexto, faz-se necessário analisar como vem sendo realizado o planejamento da ação lúdica no espaço educacional infantil, ou seja, se é que há este planejamento. Assim, indagamos: Qual a visão dos professores sobre a ludicidade? Como esta ação é planejada? Como as crianças se comportam nas atividades lúdicas? Quais recursos estão disponíveis?

Essas interrogações precisam ser analisadas e discutidas, pois, entende-se que o lúdico, quando trabalhado de forma insignificante, pode vir a ser mais um “passa-tempo”. Deste modo, buscamos compreender o aspecto lúdico das brincadeiras não apenas como um “passatempo” ou uma atividade qualquer, mas, como um fator que é relevante quando se pensa em desenvolvimento infantil.

Ainda assim, “A ideia central é que o educador infantil precisa conhecer não só a educação, a criança e o seu desenvolvimento, mas a importância que o brinquedo tem para o seu desenvolvimento” (PORTO; CRUZ, 2002, p.151)

As questões abordadas neste trabalho buscam analisar como as professoras de Educação infantil concebem e lidam com as práticas lúdicas em sua atividade de cuidar e educar. Da mesma forma, temos o objetivo de analisar como relacionam a ludicidade à ação pedagógica e qual importância que estas atribuem ao desenvolvimento infantil. Por isso neste trabalho, temos como objetivo principal *Analisar como são trabalhadas as atividades lúdicas na Educação Infantil, caracterizando os fatores que os professores consideram importantes para o desenvolvimento infantil em uma ação planejada e na qual a ludicidade se faz presente.*

Desse modo, através de uma observação do aspecto lúdico no espaço escolar individualizado, analisamos e discutimos com mais clareza a importância da ludicidade como ação planejada na educação infantil, uma vez que na experiência confrontamos a teoria e as condições existentes ou favoráveis.

No primeiro capítulo, abordaremos o conceito de ludicidade, especificando as diferenças entre o jogo, brinquedo e brincadeira, tendo em vista o significado que estes exercem no contexto cultural, na caracterização de ludicidade, no universo infantil e na subjetividade.

Já no segundo, analisaremos a ludicidade, observando o significado exercido no desenvolvimento infantil, a partir das idéias de Vygostky, Piaget e Wallon e Luckesi, orientando-nos na importância de exercermos uma ação lúdica que vem de encontro às reais necessidades infantis nos aspectos motores, físicos, psicológicos e sociais.

A relevância da ludicidade na Educação Infantil a partir de uma ação planejada focalizada no contexto social em que a criança está inserida é o assunto do terceiro capítulo.

No capítulo seguinte, explicitaremos o delineamento da pesquisa, que corresponde a um estudo de caso e, portanto, possui caráter qualitativo; e a discussão dos resultados obtidos por meio do questionário de perguntas abertas realizado com as professoras de uma instituição infantil.

Finalmente, faremos uma reflexão sobre todo o trabalho desenvolvido, em especial dos resultados obtidos na pesquisa de campo com as professoras da educação infantil, enfatizando nosso ponto de vista sobre a pesquisa realizada, apontando na direção de novos olhares para a Educação Infantil contemporânea.

Desse modo, buscamos com este estudo mostrar a importância que a ludicidade exerce no desenvolvimento infantil, na direção de uma maior valorização das características infantis, na busca de uma ação planejada que compreenda as crianças na sua individualidade e também no contexto social em que vivem.

## **2 O CONCEITO DE LUDICIDADE**

Nesse trabalho, a ludicidade refere-se às atividades ou situações em que a criança brinca e diverte-se. A ludicidade, na vida da criança, vem ser melhor entendida quando passamos a compreender que os jogos, os brinquedos e as brincadeiras são integrantes do universo infantil e que a forma ou sentido destes são adquiridos quando ela brinca.

Ao observarmos com atenção uma criança, percebemos que a forma como apreende o mundo por si próprio, é lúdica. Brincando, ela diverte-se e assim desenvolve-se, descobre, cria. Daí quando falamos de ludicidade na infância, dizemos que é atividade primordial ao desenvolvimento infantil saudável.

Neste capítulo, abordaremos as definições sobre os jogos, brinquedos e brincadeiras analisadas por Huizinga (2008), Brougère (2006), Kishimoto (1996) e Luckesi (2002). Por meio desses autores percebemos o significado de jogo, brinquedo e brincadeira, como elemento cultural, podendo ser resultado de um processo externo ou interno. Dessa forma, podemos objetivar que a caracterização de ludicidade perpassa por essas análises, favorecendo nossa reflexão no delineamento das atividades lúdicas, tendo em vista os significados decorrentes de uma determinada sociedade.

### **2.1 Jogo, brinquedo e brincadeira**

Para entendermos melhor como a ludicidade insere-se no universo infantil, precisamos esclarecer como vem sendo definidos os termos jogo, brinquedo e brincadeira por alguns estudiosos.

Tendo em vista as muitas controvérsias sobre o assunto, buscarei focalizar as definições que vem de encontro à ludicidade no contexto infantil na creche. Nessa faixa etária, prevalece, nas situações lúdicas, o faz-de-conta infantil e a forte influência da cultura na vida das crianças, além dos jogos, psicomotores e de construção.

Huizinga (2008, p. 6), um dos autores clássicos no estudo do jogo, afirma que este possui uma forte ligação com a cultura, sendo o jogo um fenômeno cultural: “Encontramos o jogo na cultura, acompanhando-a e marcando-a desde as mais distantes origens até a fase de civilização em que agora nos encontramos”

Para o autor, no contexto infantil, o jogo é visto como fator de liberdade, onde as crianças brincam porque gostam de brincar. O jogo, segundo esse autor, deve ser uma atividade voluntária, longe de ser uma imposição. Acrescenta ainda que o jogo é uma fuga da vida 'real' para um campo temporário de atividade que possuem uma orientação própria. É aí que encontra-se o faz-de-conta infantil, onde as situações vivenciadas pela criança adquirem um caráter de seriedade.

De outra forma, Brougère (2006) faz uma análise sociológica também relacionada ao significado e influência que a cultura exerce na ludicidade infantil. Afirma que há uma distinção clara entre o jogo e o brinquedo. O primeiro, para ele, define-se pela função que o faz ser um jogo, as regras que possuem ou princípios de utilização. Este não se restringiria a uma faixa etária, obtendo significado para os adultos por sua ação lúdica. Já o brinquedo, é um objeto de manipulação livre, com forte ligação ao universo infantil. O que prevalece no brinquedo é o seu valor simbólico como função. O brinquedo tem um significado e traduz um universo real ou imaginário que dar sentido e desencadeia a brincadeira. Além do mais, o brinquedo demonstra a veracidade da lógica da brincadeira, uma vez que, o brinquedo oferece uma representação manipulável com conteúdo e forma condizente com a criança, fazendo ser reconhecido como tal. Para tudo sua função é a brincadeira.

E o que é a brincadeira? A brincadeira constitui numa atividade livre, sem uma definição precisa, pois o valor da brincadeira está nos objetos que ela cria a partir dos objetos que rodeia a criança.

Outra análise, sobre estes conceitos e que merece destaque, é feita por Kishimoto (1996). Fundamentando em alguns estudos, a autora faz uma compreensível diferenciação entre jogo, brinquedo e brincadeira. Conforme seu ideário, o termo jogo possui três níveis de distinção; o jogo percebido como resultado de um sistema lingüístico, como um sistema de regras e como objeto.

O jogo como produto da linguagem encontra-se num contexto social específico, ou seja, é um fato social construído em conformidade com valores e modos de vida expressos por meio da linguagem. Dessa forma, o jogo assumiria a imagem e o sentido atribuído por cada sociedade.

De outra maneira, o jogo, como um sistema de regras, diferencia-se pela a modalidade e regras que possuem que o faz ser distinto de outro jogo. Por último, o jogo é visto como objeto, ou seja, uma matéria que pode ser fabricada com materiais diversos, permitindo uma primeira exploração do jogo, sendo que este possuiria regras e materiais diferenciados a depender de uma cultura.

Com relação ao termo brinquedo, esclarece que este nos remete ao contexto infantil e supõe uma indeterminação quanto a sua utilização. No brinquedo, segundo a autora há uma representação de certas realidades e um dos objetivos é “dar à criança um substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-los” (KISHIMOTO, 1996, p.18). Acrescenta ainda que o brinquedo estimula o imaginário da criança. A brincadeira, deste modo, consistiria na própria concretização da ludicidade através da ação desempenhada da criança enquanto brinca.

De outra forma, Luckesi (2002) nos apresenta uma visão de ludicidade e de atividades lúdicas a partir do interno e integral, ou seja, as experiências lúdicas são analisadas na interioridade do sujeito que as vivencias e os efeitos que propiciam em cada um. A característica principal da ludicidade consiste na experiência de plenitude que possibilita a cada pessoa que vivencia.

Sobre isso o autor afirma que, “Enquanto estamos participando verdadeiramente de uma atividade lúdica, não há lugar, na nossa experiência, para qualquer outra coisa além dessa própria atividade. Não há divisão. Estamos inteiros, plenos, flexíveis, alegres, saudáveis.” (LUCKESI, 2002, p.24).

Para melhor situar suas proposições sobre atividades lúdicas e a interioridade do indivíduo, o autor remete aos estudos de Ken Wilber, no intuito de mostrar que a ludicidade estar relacionada com uma dimensão interna do ser humano, que tem a ver com sua identidade, integridade e desenvolvimento.

Nesse sentido, o ser humano é entendido como possuidor de quatro dimensões, na qual realiza suas experiências. São essas: a dimensão individual interior e exterior e a coletiva interior e exterior. É, nessas dimensões, fruto de nossas experiências que se encontrariam nossas expressões e realizações.

Em síntese, na dimensão interior individual (dimensão do Eu) encontra-se nas experiências que vão de encontro ao “eu”, produzindo um crescimento individual interno na pessoa.

Já na dimensão interior coletiva (dimensão do Nós) está relacionada às vivências experienciadas pelo ser humano no lugar onde vive e convive com os outros, na cultura, no valores comuns, sentimentos, ética, moral, contribuindo na nossa formação.

A dimensão individual externa (dimensão do Ele individual) é o que podemos verificar através das manifestações do nosso corpo e comportamentos, e a expressão da nossa experiência individual interna.

E a dimensão coletiva externa (dimensão do Ele coletivo) “se dá nas relações sistêmicas que constituem nossa vida, através das relações interobjetivas.” (LUCKESI, 2002, p.28). Exerce influência na determinação do nosso modo de ser e de viver.

Assim, a experiência que se realiza nessas quatro dimensões corresponde há uma integralidade. A verdadeira atividade lúdica contemplaria essas quatro dimensões. Podendo ser compreendida em cada dimensão.

A partir dessa visão Luckesi analisa a ludicidade como “um estado de consciência” entendido a partir da interioridade do sujeito.

Deste modo, quando estamos definindo ludicidade como um estado de consciência, onde se dá uma experiência em estado de plenitude[...] Estamos, sim, falando do estado interno do sujeito que vivencia a experiência lúdica. Mesmo quando o sujeito está vivenciando essa experiência com outros, a ludicidade é interna; a partilha e a convivência poderá lhe oferecer, e certamente oferece, sensações do prazer da convivência, mas, ainda assim, essa sensação é interna de cada um, ainda que o grupo possa harmonizar-se nessa sensação comum; porém um grupo, como grupo, não sente, mas soma e engloba um sentimento que se torna comum; porém, em última instância, quem sente é o sujeito. (LUCKESI, 2002, p.31)

Nesse sentido, nem toda atividade conhecida como lúdica, poderá ser considerada como tal pelo o sujeito que a vivencia, pois, poderá não propiciar um estado de plenitude. Assim, como uma mesma atividade pode acarretar prazer ou desprazer a depender das singularidades de cada um.

Enfim, a atividade lúdica como oportunidade de experiência plena defendida pelo autor, se encontra na dimensão do eu, a partir do interno.

E é em função dessa visão que defendo a idéia de que vivencia lúdica propicia ao sujeito uma experiência de plenitude, devido ela ir para além dos limites do *ego*, que gosta de descrições específicas de cada coisa, que serve-se permanentemente do julgamento, que se fixa em posições tomadas como as únicas certas,...A descritiva comportamental individual e/ou coletiva, assim como os valores comunitários, que sustentam essa experiência, compõem o entorno dessa sensação de experiência plena (LUCKESI, 2002, p.33)

Concluimos então, que a ludicidade não pode ser entendida aleatoriamente, seu significado além de inserido numa determinada cultura, é subjetivo e relaciona-se com nossas vivências pessoais e coletivas. Dessa forma, a ação lúdica deve contemplar experiências que favoreçam o desenvolvimento em cada etapa da vida da criança. Como veremos na discussão a seguir.

### 3 LUDICIDADE E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Este capítulo tem como objetivo refletir como a ludicidade pode ser vinculada às discussões sobre o desenvolvimento infantil, distinguindo-a em importância quando elegemos atividades propulsoras de um desenvolvimento integral da criança.

Desse modo, mencionaremos as principais ideias de Vygostky, Piaget e Wallon, visto que, direto ou indiretamente, têm influenciado na melhoria da educação infantil, contribuindo de modo significativo na oferta da educação oferecida às nossas crianças, por melhor compreenderem o seu desenvolvimento e descreverem as relações com o universo em que este desenvolvimento ocorre, contextualizando-o. É notório que têm permitido, a nós educadores, refletir e planejar nossas atividades, buscando oferecer uma educação lúdica, visando um desenvolvimento integral.

De outra forma, seria impossível falar em desenvolvimento infantil sem mencionar o aspecto lúdico existente nesse processo, uma vez que para aprender a viver, as brincadeiras tornam-se ferramentas indispensáveis para as crianças.

Oliveira (2001, p.7) afirma que

É brincando que a criança elabora progressivamente o luto pela perda relativa dos cuidados maternos, assim como encontra forças e descobre estratégias para enfrentar o desafio de andar com as próprias pernas e pensar aos poucos com a própria cabeça, assumindo a responsabilidade por seus atos.

Nesse sentido, o brincar constitui-se, principalmente nos primeiros anos de vida, numa situação significativa para a formação da personalidade saudável da criança, essencial para sua criatividade e sociabilidade, favorecendo a identificação, o controle e canalização de impulsos resultantes de fantasias agressivas, para atividades mais adaptadas. (OLIVEIRA, 2001).

É por isso que diz-se que o lúdico é uma preparação para a vida adulta, uma vez que as características do processo de desenvolvimento infantil contemplam a organização dos aspectos motores, a representação da realidade e a inserção no universo histórico-cultural, com regras sociais e morais que favorecem o respeito a si próprio, ao outro e à liberdade, tão importantes quando se pensa na formação de cidadãos.

Vigotski (2001) analisa o significado psicológico que o brincar exerce no decorrer do desenvolvimento infantil. Para ele, a brincadeira pode ser “o mais precioso instrumento de educação do instinto.” (p.119). Completa que, embora para muitos esta atividade seja considerada um passatempo ou algo sem valor, ela está presente em todas as fases da vida cultural do ser humano, em diferentes lugares. Além disso, não é uma atividade somente dos homens, pois, os animais também brincam.

Para Vigotski (2001), a brincadeira possui uma “função biológica especial” e perpassa por duas teorias difundidas pela ciência. A primeira teoria simplesmente concebe a brincadeira como um gasto de energia acumulada no organismo, visto que a criança não participa pela a luta por sua sobrevivência. A brincadeira é, portanto uma necessidade vital. Um exemplo disso são os movimentos desnecessários como pular, correr, brincar.

A segunda teoria percebe a brincadeira como uma utilidade biológica, pois, “educa a cria como se fosse uma escola biológica.” Apesar de contemplar movimentos inúteis, a brincadeira é a escola e a preparação para a vida futura. Acrescenta que a criança é um ser lúdico e suas brincadeiras são importantes por corresponder a idade, aos desejos e as demais necessidades da criança, pois, é brincando que ela desenvolve suas habilidades e hábitos.

O brincar caracteriza-se por três grupos de brincadeiras, assim analisadas;

Nas primeiras brincadeiras das crianças elas aprendem a olhar ouvir, apanhar e afastar, proporcionados por alguns objetos, como os chocalhos. O segundo grupo de brincadeiras permite a preparação das habilidades de orientação e deslocamento no meio. São as brincadeiras que a criança brinca de esconder ou fugir, entre outras.

Nesse sentido, a brincadeira infantil é um processo importantíssimo de aprendizagem e preparação para a vida adulta. Assim, quando vemos a imitação nas brincadeiras infantis o que ocorre é a reprodução e assimilação das ações dos adultos, onde as crianças realizam suas próprias construções. As brincadeiras proporcionam à criança situações novas, onde ela aprende a lidar com desafios, a vivenciar determinadas situações e a socializar-se com outros participantes, educando a si mesma e aos outros.

O último grupo corresponde às brincadeiras com regras e ações convencionais, exigindo de quem joga comportamentos mais complexos, ação em grupos, soluções de

tarefas, proporcionando sempre situações novas. Essas brincadeiras são consideradas “uma grandiosa escola de experiência social”, pois, “o esforço da criança é sempre limitado e regulado por uma infinidade de esforços dos outros participantes da brincadeira.” (VIGOTSKI, 2001, p. 122)

Sobre a relação brinquedo/desenvolvimento, afirma que é por meio do brinquedo que a criança age diferente da realidade e do comportamento de sua idade. Para ele, o brinquedo possui “todas as tendências do desenvolvimento” e é “uma grande fonte de desenvolvimento”. (VIGOTSKY, 1989, p.117). Em sua análise, define o brinquedo como um “mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados”. (p.106) O brincar da criança é, portanto, a ação na imaginação.

Assim, as necessidades da criança e as mudanças no seu desenvolvimento encontram-se na atividade do brinquedo, ou seja, é por meio do brinquedo que a criança aprende a agir na esfera cognitiva em virtude das motivações e tendências internas. (VYGOTSKY, 1989)

Segundo Oliveira (1997), para compreender o desenvolvimento infantil é preciso considerar o nível de desenvolvimento real da criança, ou seja, o que ela é capaz de fazer sozinha e o seu nível de desenvolvimento potencial, que é a capacidade de realizar tarefas com ajuda de outro. Contudo, isto só tem sentido se observado o desenvolvimento que o indivíduo se encontra. É a partir do entendimento desses dois níveis de desenvolvimento, o real e potencial que Vygostky fala em zona de desenvolvimento proximal.

Assim, o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal é definido em Vygotsky como:

‘a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes’. (VYGOTSKY, 1989, p. 97 *apud* OLIVEIRA, 1997, p.60)

Nesse sentido, em conformidade com suas idéias diz-se que o brinquedo também influencia no desenvolvimento infantil por criar “uma zona de desenvolvimento proximal”. Assim, “no brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que a realidade”. (VYGOTSKY, 1989, p.117).

De outro modo, Piaget (1975) analisa o jogo e a ludicidade a partir do desenvolvimento cognitivo do ser humano. Para ele, o jogo e as manifestações lúdicas estão relacionados à evolução mental da criança desde seu nascimento. É por meio dos atos de inteligência, no processo de adaptação do indivíduo ao meio externo, que nos desenvolvemos, tendo em vista, a equilíbrio de dois processos: a assimilação e acomodação. Na assimilação, o que ocorre é a incorporação de informações ou experiências novas as estruturas mentais já organizadas. Na acomodação, essas estruturas se modificam, reorganizando-se em função de novos aspectos do ambiente. Contudo, no brincar ocorreria uma superioridade da assimilação sobre a acomodação, pois o sujeito assimila objetos e eventos ao seu eu e as estruturas mentais que já possui.

No que se refere ao jogo o autor diz; “[...] é preciso distinguir a assimilação com acomodação atual e a assimilação pura, ou subordinação das acomodações anteriores e assimilação do real à atividade do sujeito, sem esforço nem limitação. Ora, este último caso parece ser característico do jogo”. (PIAGET, 1975, p.119)

Nesse sentido, a ludicidade acompanha o desenvolvimento da criança e suas manifestações caracterizam-se conforme os estágios em que ela se encontra. No longo período do seu desenvolvimento infantil três tipos de jogos são experienciados: os jogos de exercício, o simbólico e o de regras.

Os jogos de exercícios surgem nos primeiros meses de vida da criança. Basicamente, consiste na repetição de seqüência de ações, outrora estabelecidas, manipulações diversas, imitações, combinações de palavras, realizadas pela a criança pelo simples prazer e divertimento, ou seja, exercícios proporcionados pelas habilidades motoras adquiridas pela criança em seu desenvolvimento físico. Esses jogos são característicos do período sensório-motor descrito por Piaget e evolui em complexidade, de simples exercícios a outros mais sofisticados, podendo com o passar do tempo modificar-se, sendo transformados em jogos de construções e quando adquirem regras explícitas, em jogos de regras.

Os jogos simbólicos aparecem por volta do segundo ano de vida, período em que surgem a representação e a linguagem. É nesse período que a criança tem a necessidade de executar a representação, visto que lembra fatos acontecidos. E aí que surge o tão conhecido faz-de-conta infantil, um processo “fantástico” de aprendizagem e desenvolvimento da

criança, bastante visível para entendermos sua subjetividade. É também a etapa que coincide com o início do estágio pré-operatório do desenvolvimento cognitivo.

Segundo Faria (1998, p.100) os jogos simbólicos são importante por que se constituem “[...] recursos que a criança usa para obter prazer e para se ajustar a um mundo incompreendido ou temido. Quando brinca de ‘faz-de-conta’ sabe que sua conduta não é racional para os outros, mas não está preocupada em convencê-los.”

Assim, quando a criança brinca de faz-de-conta ela encontra satisfação por meio da fantasia, a superação de conflitos, o preenchimento de seus desejos e compreensão.

Piaget (1975, p.116) vai além e diz que “[...] o jogo da imaginação constitui, com efeito, uma transposição simbólica que sujeita as coisas à atividade do indivíduo, sem regras nem limitações. [...] pensamento orientado pela preocupação dominante da satisfação individual.”

Desse modo, os jogos simbólicos caracterizam-se de modos diversos, podendo ser observados através dos comportamentos da criança nas ações de representações da realidade em que está inserida.

Outro tipo de jogo descrito por Piaget é o de regras. Aparecem por volta dos seis, sete anos ou quando a criança começa a se interessar pelas regras. A partir das regras, há uma maior interação dos indivíduos numa busca de integração ao grupo social.

Piaget (1975, p.116) diz que o jogo de regras surge com a socialização da criança quando esta, “adota regras ou adapta cada vez mais a imaginação simbólica aos dados da realidade, sob a forma de construções ainda espontâneas mas imitando real”.

Segundo Faria (1998, p.111) nesse jogo;

A criança constrói regras quando controla seu relacionamento com o outro; sai de si para colocar-se do ponto de vista das idéias e dos sentimentos dos parceiros (reciprocidade). Quando faz seus lances num jogo, pode prever os lances do outro; quando age, evitar lesar, porque não pretende ser lesada e assim por diante.

Assim, os jogos de regras vão desde;

[...] os jogos de combinações sensório-motoras (corridas, jogo de bola de gude ou com bolas etc.) ou intelectuais (cartas, xadrez etc.), com competição dos indivíduos

(sem o que a regra seria inútil) e regulamentados quer por um código transmitido de gerações em gerações, quer por acordos momentâneos. (PIAGET, 1975, p. 184, 185)

Nesse sentido, os jogos de regras constituem o último descrito por Piaget, mais característico ao estágio operatório-concreto do desenvolvimento cognitivo, acompanhando e evoluindo até a vida adulta, na convivência social dos indivíduos, enquanto os jogos de exercícios e os simbólicos diminuem com o passar do tempo.

Outra abordagem sobre a relação jogo/desenvolvimento é realizada por Wallon (2005). Assim como em Piaget, as caracterizações dos jogos acompanham o desenvolvimento da criança, podendo ser observados através de seu comportamento cotidiano.

Wallon propõe uma abordagem global, integrada e contextualizada do estudo do desenvolvimento infantil, abrangendo os aspectos afetivo, cognitivo e motor. Busca, a partir desses campos de atividade, perceber a relação existente entre cada etapa e a sua influência na personalidade do sujeito.

Portanto, é através do estudo da criança, que se entende o psiquismo humano e que assim podemos contribuir para a educação. Percebe que o sujeito constrói-se nas interações com o seu ambiente em cada idade. Para o autor a infância é “idade única e fecunda, cujo atendimento é tarefa da educação”. (GALVÃO, 1995, p.12)

#### O desenvolvimento infantil em Wallon (2005, p.79)

Efectivamente, as etapas seguidas pelo desenvolvimento da criança são marcadas, uma a uma, pela exploração de actividades que, por algum tempo, parecem absorvê-la quase totalmente e das quais a criança não se cansa de tirar todos os efeitos possíveis. Elas assinalam a sua evolução funcional e alguns dos seus traços poderiam ser considerados como uma prova para descobrir ou medir a aptidão correspondente.

Dessa maneira, o crescimento e desenvolvimento infantil são marcados por diversos jogos. Em Wallon, (2005) as atividades da criança são chamadas de jogo, por assimilação do que o jogo representa para o adulto. O autor diz que para a criança, o jogo constitui toda a atividade e somente para os adultos, um lazer que se opõe a seriedade do trabalho.

Sobre a relação jogo e trabalho complementa; “O jogo não é essencialmente o que não exige esforço, por oposição ao labor quotidiano, porque o jogo pode exigir e fazer libertar

quantidades de energia muito mais consideráveis do que as necessárias para uma tarefa obrigatória” (WALLON, 2005 p.76)

Na sua concepção, o jogo “confunde-se facilmente com toda a sua actividade, enquanto esta se mantém espontânea e não recebe o seu objecto das disciplinas educativas.” (p. 75). Dessa forma, o jogo precisa ser uma atividade voluntária da criança, caso contrário torna-se ensino ou trabalho.

Wallon (2005) classifica os jogos infantis em quatro tipos; jogos funcionais, de ficção, aquisição e de fabricação.

Os jogos funcionais contemplam os movimentos que a criança realiza de exploração do seu corpo, como estender e dobrar os braços e pernas, agitar os dedos, tocar objetos, e produzir ruídos ou sons. É, portanto, uma atividade de “efeitos elementares” proporcionados pelo desenvolvimento da motricidade e o prazer que a criança sente ao realizar as novas aquisições.

Já os jogos de ficção são caracterizados pela situação imaginária, ou seja, as típicas brincadeiras de faz-de-conta infantil. Como por exemplo: brincar de escolinha, de cavalo utilizando uma vassoura, etc. São jogos simbólicos onde criança assume papéis diversos presentes no seu contexto social.

Nos jogos de aquisição a criança é “toda olhos e toda ouvidos”. Ela se empenha para compreender e conhecer, e imitar canções, imagens, gestos, sons, contos, coisas e seres.

Por último, nos jogos de fabricação a criança diverte-se com atividades de criar, reunir, combinar, juntar, modificar e transformar objetos, criando novos.

As concepções desses autores tem sido de grande relevância para avanços na educação infantil, contribuindo para compreender como a criança aprende, e desenvolve nos aspectos motor, psicológico, afetivo, físico e social. Confirmando que a ludicidade insere-se no estudo do desenvolvimento infantil, uma vez que, tem centralidade na vida da criança e na sua interação com o meio.

As semelhanças dos autores citados surgem a partir das análises teóricas de teor psicológico no entendimento da psicogênese da pessoa. Enquanto que Piaget analisa o brincar

decorrente do desenvolvimento da inteligência e os estágios em que a criança se encontra, Vygostky vê o brincar como aspecto importante para o desenvolvimento infantil, uma vez que, propicia avanço nesse processo. É por isso que o autor diz que o brinquedo é “uma grande fonte de desenvolvimento”, sendo uma atividade privilegiada de aprendizagem infantil. Por outro lado, Wallon percebe o desenvolvimento do indivíduo enfatizando motricidade e a interação com o meio.

Segundo Dantas (1992, p.38).

A motricidade humana, descobre Wallon em sua análise genética, começa pela atuação sobre o meio social, antes de poder modificar o meio físico. O contato com este, na espécie humana, nunca é direto: é sempre intermediado pelo social, tanto em sua dimensão interpessoal quanto cultural.

Nos estudos desses autores vemos como se relacionam a ludicidade/desenvolvimento e como há relevância dos aspectos sociais nesse processo.

Piaget (1975, p.125) conclui que, “tanto na presente fase como nas precedentes, o jogo apresenta-se na forma de uma ampliação da função de assimilação, para além dos limites da adaptação atual.”

Em Vygotsky (2001, p.122) “toda tarefa-brincadeira se insere como condição obrigatória a habilidade de coordenar o seu comportamento com o comportamento dos outros”

Já Wallon (2005, p.89) afirma que “A criança repete nos seus jogos as impressões que acaba de viver”. Além disso, o jogo são atividades que assimilam o jogo e a cultura dos adultos.

Diante do exposto, podemos observar que o desenvolvimento infantil e as singularidades decorrentes do crescimento da criança, as contribuições que o brincar proporcionam, auxiliam o planejamento de atividades lúdicas que venham de encontro às reais necessidades infantis em cada momento, idade ou aspecto; emocional, físico, social e intelectual.

Por isso, entende-se o quão é importante que os brinquedos, as brincadeiras e jogos façam parte do cotidiano da criança. Desse modo, propiciar situações lúdicas no espaço infantil é contribuir para o desenvolvimento saudável e integral, uma vez que, pode ser um

único lugar em que a criança brinca de forma satisfatória, diversificada, adequada a sua idade, ou melhor, onde as atividades lúdicas são planejadas visando favorecer o desenvolvimento infantil.

#### 4 LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo, destaca-se a importância de uma ação planejada na educação infantil, organizada a partir da ludicidade. Nesse sentido, faremos uma reflexão sobre algumas características importantes que influenciam esse trabalho na sala de aula ou em outros espaços escolares.

É importante que o entendimento da ludicidade na educação infantil tenha como ponto de partida o contexto social em que a criança está inserida. “Assim, uma das possibilidades de entendermos a importância do brincar na educação das crianças parte da compreensão de que, quando brincamos, estamos em contato direto com nossos pares e com a nossa história” (PORTO, CRUZ, 2002, p. 143)

Nas Orientações Curriculares para a Educação Infantil (2011), tecendo decisões para o delineamento da proposta pedagógica e do currículo para as instituições de educação infantil, situa a brincadeira como uma estratégia mais valiosa que deve constituir a base do trabalho pedagógico. Dessa forma, entende que o brincar oportuniza a criança;

- ✓ O desenvolvimento da imaginação;
- ✓ Brincar à forma da criança;
- ✓ Imitar o que conhece e a construção do novo, assumir personagens e transformação de objetos pela a utilização que deles faz;
- ✓ Apropriação de diferentes linguagens.

A educação infantil, segundo esse documento, é percebida num lugar de oportunidades que a criança tem para brincar e aprender e onde o jogo deve fazer parte das situações de aprendizagem.

Contudo, a ludicidade pode assumir características diversificadas a depender de cada instituição. Uma desses aspectos surge a partir da concepção dos professores na sua prática educativa. Wajskop (1990), ao analisar o papel do jogo na educação infantil, afirma que, uma prática educativa que respeita a ludicidade é aquela que conhece como e por que as crianças brincam. Acrescenta ainda, que as intervenções dos educadores devam partir de uma observação atenta às brincadeiras e de um respaldo teórico por parte dos mesmos.

Assim, observamos que as práticas lúdicas dos professores têm a ver com os conhecimentos ou formação, destacando-se a maneira como estes percebem o brincar infantil e até mesmo as influências de suas experiências ou características pessoais.

Nesse sentido, a formação da professoras de educação infantil é relevante quando se refere à ação pedagógica nessa modalidade de ensino. A própria profissionalidade dos professores requer certa flexibilidade. Segundo Oliveira-Formosinho (2002, p.43) o conceito de profissionalidade docente refere-se “à ação profissional integrada que a pessoa da educadora desenvolve junto às crianças e famílias com base nos seus conhecimentos, competências e sentimentos, assumindo a dimensão moral da profissão (Oliveira-Formosinho, 2000)”. Além disso, “O desenvolvimento profissional é uma caminhada que decorre ao longo de todo o ciclo de vida e envolve crescer, ser, sentir, agir”. (p.42)

Quanto ao papel das educadoras de infância é específico, com singularidades profissionais que diferem dos professores de outro nível de ensino. De forma sintética, as especificidades referem-se às características da criança pequena, a sua globalidade, vulnerabilidade e a dependência da família. A globalidade relaciona-se com o desenvolvimento e aprendizagem da criança que acontece de forma “holística”. A vulnerabilidade aos cuidados que toda criança necessita e a atenção nos âmbitos físico, social e emocional fundamentais para seu desenvolvimento. Nesse entendimento, tanto a família quanto a escola tem o papel constante na vida da criança. Dessa forma, sobre a especificidade das educadoras e abrangência da função refere-se a;

Há assim, na educação de infância uma *interligação profunda entre educação e “cuidados”*, entre função pedagógica e função de cuidados e custódia, o que alarga naturalmente o papel da educadora por comparação com o dos professores de outros níveis educativos. (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2002, p.47, grifo do autor)

Outro fator de destaque, que abrange a profissionalidade das educadoras de infância é a centralidade que as relações e interações exercem no seu trabalho, a vários níveis e diferentes parceiros.

Assim, os muitos e diferentes tipos de interação com as crianças, com os pais e mães, com auxiliares da ação educativa, com dirigentes comunitários, com autoridades locais, com voluntários, com outros profissionais - tais como psicólogos e assistentes sociais – representam uma singularidade de profissão de educadora e constituem mais um fator nessa abrangência de papel. (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2002, p.48)

Nesse sentido, para se ter uma conduta lúdica na ação pedagógica, perpassa por todo um processo de profissionalização (formação) e o compromisso com as características da criança e suas diferentes singularidades nos diferentes contextos sociais.

De outro modo, sabemos que há uma relação muito importante entre o Lúdico e a Educação infantil, uma vez que, o brincar é bastante característico na infância. Contudo, para pensar o lúdico na Educação Infantil, é preciso associá-lo ao seu significado no planejamento escolar, a visão e a prática dos professores e na própria vida da criança.

Quando falamos sobre o uso de jogos, brinquedos e brincadeiras na educação infantil precisamos observar o sentido que estes adquirem no espaço escolar, onde podem assumir uma função lúdica ou função pedagógica. Para alguns educadores, o valor da ludicidade no espaço escolar só tem sentido se usado como recurso para “ensinar” algum conteúdo, de outra forma acaba por se tornar um passatempo sem nenhum planejamento. E nesse aspecto, fica o questionamento: o uso de determinados brinquedos, jogos ou brincadeiras em sala de aula assumem uma função pedagógica ou função lúdica?

Segundo Kishimoto (2003), conforme o contexto de uso, um mesmo objeto pode assumir dois sentidos. De um lado, se a utilização dos brinquedos propicia momentos lúdicos com livre exploração da criança, sem a procura resultados e com prevaência da incerteza nessa ação, vemos a função lúdica. De outra forma, o mesmo objeto, pode se tornar material pedagógico, quando utilizado na aprendizagem de conceitos e noções ou desenvolvimento de certas habilidades.

Ainda segundo a autora, as discussões sobre o jogo em sala de aula, partem da visão que se tem da escola, como um lugar com objetivos a atingir, em que os alunos precisam adquirir conhecimentos, habilidades, e serem disciplinados. As atividades realizadas na escola buscam resultados e finalidades pedagógicas. Assim, o jogo como atividade livre com um fim em si mesmo não encontraria espaço nesse ambiente. Foi com a incorporação do jogo na prática pedagógica que surgiu a noção de jogo educativo.

Dessa forma, o jogo educativo aparece em decorrência das discussões em torno das duas funções; função lúdica ou função educativa. Assim, “o equilíbrio entre as duas funções é o objetivo do jogo educativo.” (KISHIMOTO, 2003, p.19). Quando uma das

funções predomina, ocorre um desequilíbrio, ou seja, se prevalece à função lúdica há apenas jogo, se a função educativa, resta o ensino.

Contudo, a utilização do jogo na prática pedagógica deve preservar a liberdade do brincar infantil e o respeito à natureza da atividade lúdica. Assim, “Desde que não entre em conflito com a ação voluntária da criança, a ação pedagógica intencional do professor deve refletir-se na organização do espaço, na seleção dos brinquedos e na interação com as crianças.” (KISHIMOTO, 2003, p.19)

E é nesse sentido que se entende o jogo educativo. Este assume na prática escolar um sentido amplo, quando organizado pelo professor, visando à livre exploração e o desenvolvimento da criança. Assume também outros sentidos. Um sentido restrito, quando se constituem em ações com finalidades de treino ou aquisição de conteúdos e habilidades. Sendo denominado também de Jogo didático. (KISHIMOTO, 2003)

Nesse contexto, o professor tem um significado importante no planejamento e organização do jogo como prática pedagógica. Campagne (1989 *apud* Kishimoto, 2003) sugere alguns critérios favoráveis ao planejamento do jogo no ambiente escolar.

- ✓ Escolher brinquedos que propiciam a natureza do jogo, permitindo a livre manipulação e exploração das crianças;
- ✓ Favorecer o contato e a relação da criança com ambiente, objetos, adultos e os seus colegas de sala;
- ✓ Avaliar a qualidade dos objetos e os estímulos que favorecem a ação lúdica;
- ✓ Observar a compatibilidade quanto à idade, preferência, capacidades, e singularidades de cada criança;
- ✓ Verificar os efeitos que o jogo proporciona a criança;
- ✓ Auxiliar a criança na utilização e possibilidades do brinquedo;
- ✓ Organizar espaços estimulantes para as brincadeiras como, a disponibilidade de materiais, comunicação adequada entre adultos e crianças;
- ✓ Disponibilidade de diferentes tipos de brinquedos, acessível às crianças em locais apropriados, com espaços para sua utilização;
- ✓ Participar das brincadeiras estimulando às ações das crianças, demonstrando prazer e suporte a construção da personalidade infantil.

Finalmente, o brincar da criança até os seis anos de idade é importante para a educação por que;

- Constitui-se essencial a todo o processo neuropsicológico saudável;
- É a expressão do modo como a criança organiza sua realidade, lidando com suas possibilidades, limitações e conflitos;
- Insere a criança gradualmente e de forma prazerosa e eficiente no universo-histórico-cultural;
- Fundamenta e facilita o processo de ensino/aprendizagem ajudando na construção da reflexão, da autonomia e da criatividade. (OLIVEIRA, 2001)

De certa forma, quando se propicia no ambiente educativo possibilidades lúdicas, o que está propiciando a criança não é apenas gasto de energia ou entretenimento visto como “passatempo”. Há oportunidades de desenvolvimento infantil saudável, integral e pleno, onde o professor é facilitador do processo de aprendizagem e a criança a principal construtora de seus conhecimentos.

## **5 A VISÃO DAS PROFESSORAS SOBRE A LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Neste capítulo, apresentaremos o perfil da creche pesquisada, caracterizando o contexto em que a pesquisa foi realizada. Em seguida, os procedimentos utilizados para a coleta dos dados da pesquisa e os participantes. Posteriormente, a análise dos dados a partir da visão das professoras e da observação em sala de aula.

### **5.1 O perfil da creche**

A creche visitada para a pesquisa deste trabalho é Pública, encontra-se localizada na periferia de Fortaleza, no Bairro Parque Santa Rosa. A região é composta por uma população pobre, mas o lugar atualmente encontra-se bastante popular, com transporte público, comércios diversos, entre outros. O local é considerado, pelos que conhecem, como violento, com incidências de uso de drogas em lugares públicos e a presença constante de policiais no local.

O espaço da creche é cedido por uma senhora da comunidade e, segundo informações de uma professora, essa senhora não recebe dinheiro da Prefeitura de Fortaleza, mas, ela e seus familiares trabalham na creche como terceirizados.

O local funciona como um anexo de uma escola maior. O espaço é pequeno. O térreo é composto por quatro salas de aulas, todas pequenas, três banheiros, sendo dois adaptados para as crianças, uma cantina, uma despensa, onde ficam guardados os alimentos, e um pequeno pátio com areia onde as crianças brincam.

No andar superior, há o espaço administrativo e reservado aos funcionários da instituição. O quadro geral de funcionários da creche é composto por; uma coordenadora, quatro professoras concursadas, quatro auxiliares, duas estagiárias, duas cozinheiras, duas zeladoras, um vigia e uma porteira.

A faixa etária atendida pela creche, é de 2 a 4 anos, sendo que a instituição possui duas turmas de infantil II (A e B), e duas de infantil III (A e B), podendo cada turma matricular até vinte alunos.

As atividades da creche são organizadas por uma rotina pedagógica (ANEXO A) e contempla horário de chegada, alimentação, banho de sol, acolhida geral, parquinho, sono, atividade pedagógica e horário de saída. E se aplica a todas as turmas, modificando apenas os

horários de algumas atividades. Por exemplo, como não é possível todas as crianças brincarem no parque de areia ao mesmo tempo, devido ao espaço e aos horários de menos sol, há uma alternância entre os dias da semana. Da mesma forma, acontece com as atividades de assistir vídeo e contação de histórias. Isso porque só há uma televisão e pouco material para enriquecer as histórias.

O planejamento da creche é organizado a partir da rotina e por meio de projetos mensais com temas diversos. A elaboração deste é feita com a participação dos professores e organizado pela coordenadora. É, a partir deste projeto, que são realizados o plano diário por cada professora.

## **5.2 O delineamento da pesquisa**

Foi no contexto descrito anteriormente que se realizou a presente pesquisa. Esta pesquisa, vale dizer, se configura em qualitativa, sendo um estudo de caso. Na definição de Lüdke e André, (1986, p.18) o estudo de caso qualitativo “é o que se desenvolve numa situação natural, é rico de dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”.

Nesse sentido, o que se buscou nesse trabalho, mais precisamente, foi uma aproximação da realidade no contexto de uma creche pública, a partir do que pensam as professoras sobre o assunto estudado e a observação da sua prática em sala de aula. Seu delineamento como estudo de caso partiu da singularidade e compreensão de uma determinada realidade, situada historicamente. De outro modo, a finalidade desse tipo de estudo permite “retratar uma unidade em ação” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.22).

Assim, para melhor compreendermos como pensam as professoras a ludicidade na educação infantil optei por um questionário (APÊNDICE A) composto por treze questões abertas, permitindo a liberdade de opiniões sobre os questionamentos envolvidos. Segundo Richardson (1999) o questionário é uma entrevista estruturada com funções e características diversas a depender do tipo e forma de aplicação. Ainda segundo o autor, no questionário de perguntas abertas, como o realizado nessa pesquisa, uma das vantagens é a liberdade de resposta do entrevistado sobre determinado assunto e sua correspondência conforme o interesse do pesquisador.

Na pesquisa com as professoras, às questões iniciais, buscou-se uma caracterização de sua formação e escolha pela área infantil. Nas demais, trouxemos a visão

que estas professoras têm sobre a ludicidade no contexto de desenvolvimento e Educação Infantil e a influência dos aspectos culturais nesse processo. Ao todo, foram entrevistadas quatro professoras, correspondendo à totalidade da creche.

O questionário foi entregue às professoras no mês de fevereiro de 2012, permitindo que estas respondessem livremente no local desejado ou tempo disponível. A escolha por essa forma de pesquisa veio por sugestão e certa resistência por parte das professoras em participar de outra forma de coleta, como a entrevista, justificando-se por não terem tempo suficiente e também por ter de atender a demanda de outras estagiárias ou pesquisadores que vez por outra as abordavam. O tempo disponibilizado para o retorno dos questionários ficou em torno de um mês.

Com intuito de enriquecer um pouco mais esta pesquisa, optei por realizar uma observação em sala de aula, mas precisamente, na ação das professoras nas atividades lúdicas, na interação entre as crianças ou com os adultos próximos, no ambiente físico e na rotina. Lüdke e André, (1986) afirmam que a observação direta permite ao observador uma aproximação da ‘perspectiva dos sujeitos’. Dessa forma “Na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e as suas próprias ações”. (p.26, grifo do autor). Essa observação ocorreu durante o mês de fevereiro do corrente ano, entre os dias 07 a 16, por turma, na sala de aula e no parque de areia, (um local com alguns brinquedos, escorregador, túnel, casinha), paralelamente a entrega dos questionários aos professores.

Desta forma, alguns dias do mês de fevereiro foram reservados para realização de uma conversa informal com a coordenadora, na permissão de observar e registrar fotos (alguma cedidas pela instituição) das crianças e dos aspectos físicos da creche. Soma-se a essa pesquisa a oportunidade inicial, que tive no mês de novembro do ano anterior de substituir uma das auxiliares da creche durante uma semana, o que me proporcionou um contato direto com todos os funcionários da instituição nos diversos horários das rotinas das crianças, bem como momentos informais que permitiram um delineamento das principais dificuldades ou facilidades no trabalho dessas professoras em seu contexto de trabalho.

Foi essa experiência que permitiu escolher a creche como local da pesquisa. Além disso, acrescenta-se a minha experiência com educação infantil (seis anos numa escolinha particular) do bairro onde moro, e também a minha futura pretensão de trabalhar nessa

modalidade de ensino, preferencialmente em estabelecimento público. De outra forma, a abordagem sobre o tema ludicidade é um fator de grande relevância no espaço de convivência infantil, ainda mais, quando se pensa na formação dos professores para essa modalidade de ensino.

### **5.3 A análise dos dados a partir da visão das professoras**

No questionário, as professoras optaram por se identificarem com seu próprio nome. Todas as professoras possuem superior completo, duas concluíram a pós-graduação em Educação Infantil e as outras duas estão cursando, psicopedagogia e gestão escolar. A professora Natália leciona na turma de Infantil II (A), Luciene na turma de Infantil II (B), Rosemeire na turma de Infantil III (A) e Kelly infantil III(B).

O tempo de trabalho com educação das professoras varia entre dois, quatro, cinco e doze anos. Todas iniciaram na educação infantil, exceto uma professora que ingressou nessa modalidade um ano após o ingresso na área educacional. A escolha da profissão, segundo as entrevistadas, surgiu por identificação com a área, por escolha pessoal, através do ensino em reforço escolar, influência de amigos próximos e estágio. Sobre a escolha pela área infantil uma das professoras afirmou que “não foi uma escolha e sim um presente” outra disse que a preferência veio através de um estágio e as demais não especificaram.

Vemos assim que, os caminhos percorridos pelas professoras se diferem com motivações singulares frutos de suas experiências pessoais. Oliveira-Formosinho 2002, p.49 *apud* Oliveira-Formosinho, 2000a, afirma que “O desenvolvimento profissional é uma caminhada que envolve crescer, ser, sentir, agir. Envolve crescimento, como o da criança, requer empenho, com a criança, sustenta-se na integração do conhecimento e da paixão”.

Quando interrogadas sobre a definição de atividades lúdicas as professoras responderam da seguinte forma;

*NATÁLIA: “São aquelas que mexem com o imaginário da criança de forma criativa, trazendo o conhecimento como consequência.”*

*LUCIENE: “Atividades com jogos, músicas e brincadeiras.”*

*ROSEMEIRE: “São atividades que divertem e dão prazer e alegria.”*

*KELLY: “São atividades que estimulam a imaginação, a criatividade através de jogos, brincadeiras, brinquedos e faz-de-conta.”*

As distinções que estas professoras conceituaram as atividades lúdicas estão relacionadas com suas experiências pessoais, teorias, modelos, entre outros. Luckesi (2008, p.15) afirma que a ludicidade decorre “do nosso mundo interior, que se relaciona com o exterior”. O nosso passado existencial, nossa história de vida, o presente, marcam nossas ações e reações. O que é considerado lúdico para um, pode não ser para o outro.

Todas as entrevistadas consideraram importante o trabalho com a ludicidade na educação;

*NATÁLIA: “O mundo da criança gira em torno da brincadeira, do faz-de-conta, e a ludicidade é o que vai ajudar na aprendizagem.”*

*LUCIENE: “Porque despertam o interesse da criança.”*

*ROSEMEIRE: “As crianças precisam sentir a alegria e o prazer de aprender. A Educação pode ser séria e divertida ao mesmo tempo.”*

*KELLY: “Porque as crianças são muito concretas, elas precisam vivenciar para internalizar.”*

Isto nos mostra que estas possuem um referencial de lúdico que orienta sua prática pedagógica. Uma vez que, atualmente, os estudos sobre o jogo têm sido mais discutidos nos cursos de formação de professores.

Na ação lúdica é primordial;

a apropriação pelo professor, do conhecimento/sentimento da importância da brincadeira para as crianças não se dá integralmente se esse tema é abordado apenas teórica e cognitivamente. É essencial que isso seja feito de forma vivencial para que os professores possam se dar conta, por intermédio das suas mãos, dos seus olhos, dos seus ouvidos, do seu corpo, dos seus valores morais e educativos, que o brinquedo é importante para que a criança possa se desenvolver, tendo um rico contributo não só no aspecto psicológico, como sócio-cultural e, ainda, no aspecto pedagógico. (PORTO, CRUZ, p.151, 152)

Sobre as atividades lúdicas e sua relação com o desenvolvimento, as professoras concordaram que as atividades lúdicas contribuem para a aprendizagem, estimulando o desenvolvimento de forma prazerosa, nos aspectos motor, cognitivo, físico e emocional, além disso, desperta a imaginação e criatividade da criança.

As professoras consideram que o trabalho com a ludicidade na educação infantil depende de cada instituição, podendo ser trabalhadas diariamente em sala de aula, nas atividades, através das músicas, dos jogos (selecionados de acordo com a faixa etária) e brincadeiras espontâneas das crianças. Esses devem estimular o desenvolvimento das potencialidades de cada criança em todos os aspectos. Os aspectos positivos do trabalho com a ludicidade, citados pelos professores são; aprendizagem significativa, integral, divertida e uma ótima estratégia de ensino-aprendizagem, porque permite uma aprendizagem sem cobranças e de forma natural.

Diante do exposto até aqui, percebemos que, embora a ludicidade seja relevante na educação infantil, alguns aspectos importantes na concretização do trabalho com atividades lúdicas na escola independem da vontade e visão dos professores, limitando sua ação desejada. Dessa forma, os professores pesquisados citaram alguns elementos que dificultam o trabalho com a ludicidade, são esses; a falta de recursos, material pedagógico, visão do professor sobre ludicidade, formação, tempo para planejar, falta de jogos adequados para a idade e a quantidade de alunos inadequada para o espaço na instituição.

O modo como os professores percebem as crianças é de suma importância, porque influencia no planejamento da ação lúdica. Assim é necessário saber, por exemplo, se estes observam as crianças brincarem, se sabem do que elas gostam, investigando se seu trabalho aproxima-se das reais necessidades infantis. Nesse sentido, eles afirmaram que as crianças gostam de brincar de faz-de-conta, com jogos de encaixe e construção, com sucata, brincadeiras com areia, entre outras, reproduzindo situações do cotidiano através da brincadeira.

Wajskop (1990) orienta que para uma intervenção satisfatória do professor é preciso; “Conhecer como e por que as crianças brincam é caminho seguro para uma prática educativa que respeita o seu fazer lúdico. A observação atenta das brincadeiras e o respaldo teórico colaboram para que as intervenções dos educadores sejam apropriadas” (p.09)

A intervenção dos pais ou professores nas brincadeiras infantis foram consideradas importante pelas pesquisadas. E também para elas, depende das situações, pois, às vezes é importante que as crianças brinquem livremente para observar como se expressam. A intervenção deve ser feita na solução de conflitos que surgirem nas brincadeiras, através de sugestões, interação com as crianças com intuito de desenvolver habilidades ou “internalizar conceitos”. As mediações tornam as brincadeiras “fonte de conhecimento”.

Ainda segundo Wajskop (1990) a intervenção do adulto varia e diferencia-se conforme as necessidades que surgem nos grupos de crianças. Dessa forma;

O adulto pode colocar-se como um dos participantes da brincadeira, introduzindo um novo objeto ou questionando as crianças sobre o que fazem, o que brincam, como brincam, o que necessitam para brincar. Pode colocar-se apenas como observador para, em outro momento, enriquecer o jogo através de atividades dirigidas que ampliem os conhecimentos das crianças. Pode auxiliar na escolha do material, organização do espaço e das crianças. (p.13)

Do mesmo modo, ressalta-se que o jogo de faz-de-conta infantil é bastante vivenciado pelas as crianças da creche. Os professores analisaram esta atividade infantil como importante para o desenvolvimento da imaginação, pois, a criança tem a oportunidade de recriar a realidade a sua visão, cria seus personagens, diverte-se, se expressa, tem a liberdade de imitar papéis sociais, internaliza regras da sociedade, interage com objetos e pessoas, além de favorecer o desenvolvimento infantil.

Wajskop (1990, p.9) tecendo algumas considerações sobre o jogo faz-de-conta infantil e o papel no desenvolvimento e educação das crianças, afirma que este “constitui-se uma atividade na qual as crianças, sozinhas ou em grupo, procuram compreender o mundo e as ações humanas nas quais se inserem cotidianamente”. Complementa ainda, que esta atividade da imaginação não aparece espontaneamente, sendo influenciada pela educação.

Dessa forma, segundo a autora, o jogo de faz-de-conta na educação é um recurso pedagógico de construção do conhecimento da criança;

A educação tem-se utilizado de um recurso pedagógico bastante rico, por meio do qual as crianças podem apropriar-se do mundo não diretamente, mas ativamente através da representação. Esse recurso pedagógico caracteriza-se como o jogo de faz-de-conta que recria, através da representação, situações as mais variadas da vida e da cultura humana, com as quais as crianças podem defrontar-se, confrontar-se e, ao vivenciá-las, construir e reconstruir hipóteses a respeito do funcionamento dos fenômenos sociais, culturais, físicos, biológicos e afetivos. (WAJSKOP, 1990, p.10)

Atualmente, as crianças vivem em contato com a diversidade de brinquedos. Entendemos que é importante que o professor observe quais destes são mais ricos para o desenvolvimento seguro e integral da criança. Desse modo, as professoras mencionaram que, os brinquedos que favorecem a coletividade, o prazer, os jogos que estimulam o raciocínio lógico, a coordenação motora, a brincadeira de faz-de-conta e observação da adequação do brinquedo a idade, são fundamentais para a escolha dos brinquedos para as crianças de hoje. Para a educação infantil, estes consideraram fundamentais as brincadeiras e os jogos educativos, entre outros, que promovem o desenvolvimento integral.

A visão de Porto e Cruz (2002, p.157) sobre o desenvolvimento a partir da brincadeira anuncia;

Provavelmente, a brincadeira se constitua num dos raros momentos em que conseguimos trabalhar o desenvolvimento de forma completamente integrada, pois a brincadeira abrange tanto a cognição da criança como a sua psicomotricidade, a sua afetividade e a sua socialização. Desta forma, entendemos que, na educação infantil, a brincadeira deve ser vista como conteúdo por excelência.

Sobre a percepção dos professores quanto à criança e a televisão, estes consideram que existe uma relação passiva, vicia a criança prejudicando sua vida social, é o referencial de muitas brincadeiras, podendo ser negativa, pois, alguns programas são inadequados. Aham importantes que se escolha programas educativos.

Brougère (2006) diz que a televisão mudou a vida e a cultura da criança como também suas referências na cultura lúdica. Para ele, a televisão pode influenciar nas brincadeiras usuais das crianças como temas propostos, mas nem tudo é útil à brincadeira. Assim;

A brincadeira não aparece como uma imitação servil daquilo que é visto na televisão, mas sim como um conjunto de imagens que têm a vantagem de ser conhecidas por todas, ou quase todas as crianças, de ser combinadas, utilizadas, transformadas, no âmbito de uma estrutura lúdica. (BROUGÈRE, 2006, p.54)

O autor reforça ainda que, embora os “conteúdos” da televisão tenha sido muito presente nas brincadeiras das crianças, ela não é apenas passiva, mas reativa estas informações pela apropriação, através das brincadeiras e é semelhante à forma como apropriar-se de papéis sociais e familiares nas brincadeiras de imitação.

É importante destacar como os professores descrevem a influência da cultura na maneira como as crianças brincam.

*NATÁLIA: “A cultura da criança é na maioria das vezes o espelho do seu comportamento, de forma que a influencia é retratada no seu brincar, no seu agir, na forma de se portar, etc.”*

*LUCIENE: “Influencia muito, a cultura é retratada nas brincadeiras.”*

*ROSEMEIRE: “Antigamente as crianças brincavam de pião, bila, pipa, pega-pega, esconde-esconde. Hoje o vídeo-game é a brincadeira principal de muitas crianças, como também os jogos eletrônicos.”*

*KELLY: “A cultura tem grande influência na forma como as crianças brincam, pois elas costumam reproduzir o que elas vivenciam na sociedade e os hábitos de uma sociedade fazem parte da sua cultura.”*

Numa linha de pensamento semelhante às das docentes, o estudioso no assunto, Gilles Brougère, afirma que “Na sua brincadeira, a criança não se contenta em desenvolver comportamentos, mas manipulam as imagens, as significações simbólicas que constituem uma parte da impregnação cultural à qual está submetida”. (BROUGÈRE, 2006, p.47). Assim, ela possui um repertório cultural próprio, fruto de uma parte da civilização.

Dessa forma, no planejamento das atividades lúdicas deve-se observar o ambiente em que a criança esta inserida, as condições sociais, a visão da família, o local em que mora, os costume, hábitos e a partir daí enriquecer as aprendizagens/oportunidades.

#### **5.4 A observação em sala de aula**

Quando comecei a observação nas salas de aulas o projeto vigente tinha como tema “Conhecendo e respeitando os animais”, faltando alguns dias para culminância com a visita das crianças ao zoológico, onde tive a oportunidade de participar do passeio.

A observação ocorreu tendo em vista os aspectos lúdicos envolvidos no espaço de sala, na organização, na comunicação estabelecida entre os alunos, alunos e professores e auxiliares. E também a relação estabelecida pelas crianças com os brinquedos disponibilizados, que vão desde as falas, gestos e outras ações que as crianças deixam escapar enquanto brincavam. No estudo de Almeida (2003) o mundo do brinquedo representa o apego, a imitação, a representação e inclui-se na vontade de crescer e desenvolver. Exemplo; “ao brincar com bonecas ou utensílios domésticos em miniatura, uma criança exercita a manipulação dos objetos, compondo-os e recompondo-os, designando-lhes um espaço e uma função, dramatizando suas próprias relações e eventualmente seus conflitos.” (p.38)

É necessário que se compreenda que as interações nas brincadeiras favorecem a socialização da criança nas formas de convivência, no respeito ao outro, no confronto com outros pontos de vista, na comunicação, na solidariedade. É uma oportunidade de construção da consciência da realidade e uma possibilidade de modificá-la. (Wajskop, 2007)

Na observação realizada com as turmas de infantil II A e B, percebi que as crianças do infantil II A (a turma de crianças que tem menos tempo na creche) ao chegarem à

escola são bastante agitadas, fazem barulho e só acalmam quando estão ocupadas com alguma atividade. Já as crianças das demais turmas chegam calmas, algumas aparentemente indispostas, talvez com sono ou se adequando as regras já estabelecidas pelas professoras sobre o comportamento desejável por elas em sala no horário de chegada. Alguns ficam à espera que a professora lhe diga o que devem fazer, apenas um ou dois alunos mais agitados agem contrariando a professora ou agindo diferente dos demais.

No aspecto mencionado é importante que as educadoras organizem o espaço com um olhar positivo da criança, percebendo-a como um ser que é capaz de interagir espontaneamente quando não encontra restrições físicas e pessoais à liberdade de movimento, expressão e comunicação. (OLIVEIRA, 2000)

Além disso, faz-se necessário enfatizar que há especificidades na formação que deve ser refletida pelas professoras de educação infantil;

Nesse sentido, a *formação do educador infantil* não se restringe a aspectos intelectuais e cognitivos, mas também aos psicológicos, com especial atenção aos afetivo-emocionais, já que, quanto menor a criança, menor consciência tem de si mesma como ser separado e, conseqüentemente, mais vulnerável e influenciável fica a estados de tensão, frustração, ansiedade, depressão, etc., por parte de quem convive com ela. (OLIVEIRA, 2000, p.103 grifo do autor)

Em todas as turmas prevalece o cumprimento das rotinas (que são semelhantes). Na chegada a escola cada criança tem seu material guardado e tira-se o fardamento ficando a criança só com a cuequinha no caso dos meninos e a calcinha nas meninas. A aula sempre começa com o acolhimento (uma oração, músicas, conversas e também com outras variações em data específica: datas comemorativas e projetos). Duas vezes na semana todas as crianças se reúnem em um pequeno espaço da creche para ouvir histórias ou alguma apresentação do projeto vigente.

Após o desjejum a primeira atividade é a brincadeira por cerca de uma hora com brinquedos diversos; bonecas, carros, telefones, panelinhas e bolinhas, esses eram os mais comuns e pegos pelas crianças. Em outros dias também são disponibilizados jogos de encaixes, jogos de construção, fantoches, aramados e outros. Às vezes escolhidos e disponibilizados pela professoras, outras vezes pelas crianças. As professoras informaram que os alunos tinham preferência pelos brinquedos de sucata.

Ao ser disponibilizados os brinquedos pela professora, a maioria das crianças apressadamente sentavam-se ao chão e gritava para que fossem colocados os brinquedos

próximos a cada um deles fazendo um grande barulho de empolgação. Isso era comum em todas as turmas.

Segundo Adriana Klisys (2007) o empenho da criança na brincadeira corresponde à vontade de entender as relações sociais, como é o mundo dos adultos. É brincando de casinha, de médico, de compra e venda que se apropria do mundo adulto. Assim;

O brincar caracteriza-se como uma mescla entre as apropriações culturais e a possibilidade de expressão da criança, fruto de sua forma particular de pensar e de interagir com o mundo. Ela articula suas próprias experiências de vida com as experiências de suas brincadeiras (p.28)

Era comum também alguma criança ficar em seu lugar e só brincarem depois, muitas vezes incentivados pelos adultos próximos. Na sala as professoras e as auxiliares motivavam e sugeriam algumas construções possíveis com os brinquedos de construção e com outros brinquedos. Percebemos assim, que é essencial que o adulto brinque com a criança. A vantagem se encontra na disposição de sua vasta experiência, no repertório lingüístico mais rico, na busca de verdadeiros estímulos que favorecem a capacidade inventiva, de criação e possibilidades de sempre descobrir. (ALMEIDA, 2003)

Duas vezes por semana, no horário e dias reservados a cada turma, as crianças brincavam no parque de areia. Um local com brinquedos que possibilitavam escorregar, subir, esconde-se, atravessar e um contato direto com a areia facilitado com a presença de objetos como porsinha e baldes. Geralmente duas turmas brincavam no local, ficando duas professoras ou auxiliares observando as crianças brincando, alternando com horários de merendas destas. Percebi que algumas das auxiliares e também algumas professoras interagiam diretamente com as crianças nesse momento, brincando de areia e resolvendo conflitos passivamente entre as crianças. Visto que o espaço é muito pequeno e limitava a liberdade de brincar da criança, culminando em disputas, movimento restrito e exclusão. Mesmo assim, as crianças demonstravam uma enorme satisfação em brincar nesse local.

A questão do espaço na creche foi citada por todas as professoras como um dos principais aspectos negativos para as atividades lúdicas, seguidas de falta de diversidade de brinquedos (através de conversas informais) nos momentos de observação na sala.

Eram comuns nas brincadeiras nas salas de aula as meninas brincavam espontaneamente com as bonecas e os meninos com os carros. Mais observei que em algumas turmas tanto os meninos quanto as meninas brincaram com brinquedos ou brincadeiras opostas. Percebi que as crianças do infantil II A (as crianças com menos idade) brincam de

modo mais individualizando e não aceitam que o colega pegue no brinquedo que brinca. Nas brincadeiras de faz-de-conta são pouco tímidas, individualizada, ficando mais no plano dos gestos e imaginação e não vemos nenhuma expressão por meio da fala, o que difere nas crianças maiores que brincam de faz-de-conta individual ou em grupos, demonstrando claramente através das falas e gestos com forte presença das situações do seu cotidiano. A definição a seguir caracteriza bem o processo de desenvolvimento infantil na fantasia;

No faz-de-conta solitário, em que a criança de dois a quatro anos vive vários papéis sociais, como o da mãe, do pai ou do irmão, por exemplo, ela já se exercita para brincar com as outras crianças, aprendendo a ceder e a compartilhar mais tarde, numa brincadeira simbólica coletiva, onde as regras sociais já se esboçam e começam a ser internalizadas. (OLIVEIRA, 2000, p.21)

Dessa forma, entende-se que para criança, a situação imaginária em grupo torna-se um grande desafio.

O diálogo entre as crianças do infantil II é menor com os colegas de sala e maior com as pessoas adultas próximas, a maioria está sempre pedindo ou mostrando algo para chamar atenção o que ocorre com menor intensidade nas turmas de infantil III. Nas brincadeiras em sala as interações da auxiliar ou da professora com os alunos ocorriam quanto estes sugeriam (mostrando algum brinquedo e satisfazendo com comentários positivos enunciados pelos adultos próximos, acatando sugestões e até tendo novas idéias a partir deste contato) ou quando havia algum risco para criança, como brigas, palavras e brincadeiras agressivas ou uma situação de risco.

Um aspecto que considero positivo nessa creche é a interação de todas as professoras, auxiliares e funcionários com as crianças. Há no ambiente em geral, uma forte motivação e afetividade que faz com que as crianças sejam espontâneas e muito comunicativas.

Os momentos em que as crianças brincam livremente alternam-se com as “atividades pedagógicas dirigidas” do planejamento diário e da rotina de horários, para o banho, alimentação, sono. Vemos assim que na rotina das crianças, há uma divisão da hora de brincar e de estudar, de cuidar, de dormir como se um assumisse maior importância que outro. Contudo, é positivo nesta instituição, que as professoras participam também das rotinas de cuidados das crianças. Oliveira-Formosinho (2002) nos mostra que o diferencial dos educadores de infância surge da forte interligação entre educação e cuidados, isso porque se constitui na base para o desenvolvimento global da criança.

Enfim, embora a ludicidade nesta instituição seja entendida como importante para a Educação Infantil, há aspectos que dificultam o trabalho que vão desde ao espaço físico, recursos, tempo de planejamento à uma formação mais direcionada ao contexto específico inerente ao trabalho com ludicidade na educação de crianças. Tudo isso é refletido na prática das professoras em sala de aula.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste trabalho podemos verificar que a ludicidade exerce significativa influencia no processo de desenvolvimento infantil. Isso porque uma das principais características é o despertar dos interesses infantis, propiciando experiências de alegrias na sua concretização. Dessa forma, a ludicidade possui características provenientes não somente dos aspectos exteriores de uma sociedade, o seu real sentido encontra-se na interioridade dos indivíduos que vivencia.

Os jogos, os brinquedos e as brincadeiras, devem ser trabalhados na Educação Infantil pela grande vantagem que propicia aos seus participantes, caracterizando-se em excelentes oportunidades para o desenvolvimento da aprendizagem em diferentes aspectos: físico, cognitivo, emocional e social. Dessa forma, os fundamentos teóricos analisados só reforçam a importância que deve ser dada à experiência da criança no contexto de Educação Infantil.

Nesse sentido, a Educação Infantil, como instituição estruturada formalmente para atender a sociedade, deve organiza-se no oferecimento de um desenvolvimento infantil saudável, entendendo a criança como um ser que ao ingressar na creche traz em sua bagagem, um vasto conhecimento e habilidades adquiridas desde seu nascimento, caracterizado pelo ambiente sócio-cultural em que vive.

Nessa pesquisa, percebemos que a ludicidade se revelou no espaço infantil, caracterizando-se nas falas das professoras e na sua prática. Mostrando que os aspectos favoráveis ou desfavoráveis ao lúdico como ação planejada na educação de crianças, vão desde ao espaço físico, falta de recursos, há uma formação mais direcionada as educadoras de infância, com especial atenção a configuração de ludicidade. Isto por que é notório o distanciamento entre a teoria e a prática em algumas instituições.

Além disso, no brincar infantil, percebemos que muitas vezes, há resquício de uma educação tradicional que tenta relegar segundo plano as brincadeiras, em detrimento de outras atividades mencionadas no planejamento como “pedagógicas”. De outra maneira, embora muitas vezes, as professoras saibam e desejam propiciar uma educação lúdica, não encontram o apoio que necessitam para sua concretização.

Diante do exposto, faz-se necessária uma maior conscientização e valorização por parte dos responsáveis com a promoção da Educação Infantil nos diferentes contextos sociais, na concretização de espaços educacionais infantis adequados as brincadeiras das crianças, de recursos materiais como jogos e brinquedos suficientes e adequados a faixa etária atendida nas instituições, tempo necessário para planejamento, bem como formações que ampliem os conhecimentos e habilidades dos professores, para que estes possam planejar suas atividades lúdicas com mais segurança, possibilitando aos seus alunos uma Educação Infantil de qualidade, onde a ludicidade exerce um papel primordial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação Lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. 3. ed. São Paulo: Harbra, 1986.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. Revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop – 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- CEARÁ, Secretaria de Educação. **Orientações Curriculares para a Educação Infantil** - Fortaleza: SEDUC, 2011.
- FARIA, Anália Rodrigues de. **O desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- GALVÃO, Isabel. **Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- KISHIMOTO, Tizuko M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 2003.
- \_\_\_\_\_. Tizuko M. O jogo e a educação infantil. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996.
- KLISYS, Adriana. Faz-de-conta: invenção do possível. **Revista Criança**, Ministério da Educação – Coordenação Geral de Educação Infantil (DPE/SEB), Brasília, DF, 2007.
- KLISYS, Adriana; Caiuby, Renata. Construções lúdicas. **Revista Avisa lá**. Nº 17. São Paulo, 2004.
- LA TRAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**.- São Paulo: EPU, 1986.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Ludicidade e desenvolvimento humano. MAHEU, Cristina d'Ávila (org). **Educação e Ludicidade**. Salvador, BA: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Ludicidade, Gepel, 2008.
- FORMOSINHO, Júlia. KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Formação em contexto: Uma estratégia de integração**. São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. 4.ed. São Paulo: Scipione, 1997.

OLIVEIRA, Vera Barros de Oliveira. O brincar e a criança do nascimento aos seis anos. In: \_\_\_\_\_ . (Org.). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo, sonho, imagem e representação. Tradução de Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Zahar; Brasília, INL, 1975.

PORTO, Bernadete de Souza (org). **Ludicidade**: o que é isso mesmo? Salvador, BA: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Gepel, 2002.

\_\_\_\_\_. Bernadete de Souza (org). **Ludicidade**: onde acontece? Salvador, BA: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Gepel, 2004.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente**. Porto Alegre: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. L.S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo. Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. L.S. **O Desenvolvimento Psicológico na Infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WAJSKOP, Gisela. Artigo publicado no caderno Idéias, 7. FDE. São Paulo, 1990.

\_\_\_\_\_. Gisela. **Brincar na pré-escola**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Edições 70. Lisboa, Portugal, 2005.

WWW.Luckesi.com.br

## APÊNDICE

### APÊNDICE A – Questionário aplicado às professoras da instituição infantil.

#### PERGUNTAS PARA AS PROFESSORAS

Identificação: \_\_\_\_\_

Formação: \_\_\_\_\_ Série que leciona \_\_\_\_\_

1. Há quanto tempo trabalha com educação? E com educação de crianças? Poderia dizer como foi a escolha de sua profissão e desta área específica?

---

---

---

---

2. Para você, o que são atividades lúdicas?

---

---

---

3. Você acha importante trabalhar com ludicidade na educação? Por quê?

---

---

---

4. As atividades lúdicas podem ser relacionadas ao desenvolvimento infantil? De que maneira?

---

---

---

---

5. Na sua opinião, como a ludicidade é trabalhada na Educação Infantil? Que aspectos são positivos?

---

---

---

---

6. Há algum elemento que dificulta esse trabalho? Qual?

---

---

---

7. Na sua opinião, do que as crianças gostam de brincar?

---

---

---

8. Você considera importante a intervenção dos professores ou pais nas brincadeiras infantis? De que forma?

---

---

---

9. Como você analisa o jogo faz-de-conta infantil?

---

---

---

10. Que tipos de brinquedos são necessários para as crianças hoje?

---

---

---

11. Que brinquedos ou brincadeiras ou jogos são fundamentais na educação infantil?

---

---

---

12. Como você percebe a relação existente entre a criança e a televisão?

---

---

---

13. Como você descreve a influência da cultura na maneira como as crianças brincam?

---

---

---

---

## ANEXO

## ANEXO A – Rotina diária das atividades da creche.

## ROTINA PEDAGÓGICA

HORÁRIOS	ATIVIDADES
7h às 7:30h	chegada
7:30h às 7:45h	Dejejum
7:45h as 8:15h	Banho de Sol (3ª e 5ª) 3ª Feira: Infantil III A e B 5ª Feira: Infantil II A e B 4ª e 6ª feira – acolhida geral (fantoques, contação de histórias, musica, movimento...)
8:15h as 9:00h	Parquinho, Atividade em sala
9:00h as 9:15h	Lanche
9:20h as 10:00h	Atividade Pedagógica dirigida / projeto
10:00h as 10:30h	Banho
10:30h as 11:00h	Almoço
11:00h as 13:30	Despertar
14:00h as 14:15h	Lanche
14:20h as 15:00h	Atividade Pedagógica dirigida
15:00h as 15:30h	Banho
15:30h as 16:00h	Jantar
16:00h as 17:00h	Jogos, canções e saída